

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

Ø14

Um sequestro nunca explicado

Passados 10 anos, Ana Lúcia da Silva Lunardi ainda se pergunta quem - e por qual razão - sequestrou o filho Betinho, na época com três anos. O menino foi encontrado e devolvido à família, mas o sequestrador jamais foi identificado

- Sempre que chega a Páscoa, lembro de tudo. E me pergunto quem foi, como foi e por quê? - desabafa hoje Ana Lúcia da Silva Lunardi.

A Semana Santa de 2002 foi mesmo terrível. Ela não dormiu uma só noite em casa. Permaneceu acomodada no pequeno sofá de uma sala da 17ª Delegacia da Polícia Civil de Porto Alegre, à espera de uma notícia do filho Betinho, três anos.



Ana Lúcia e o marido, Roberto Silva dos Santos, vendiam lanches numa carrocinha, no centro da cidade. Durante o dia, na Praça Dom Feliciano, próxima à Santa Casa e, a partir do entardecer e nos finais de semana, na esquina da Octávio Rocha com Vigário José Ignácio.

Betinho, com frequência, os acompanhava.

Na tarde de quinta-feira, 11 de abril daquele ano, um homem moreno claro, cabelos escuros, bigode e barba rala, aproximadamente 30 anos, chegou-se ao casal. Era pedreiro desempregado, ele disse, morador da Vila Augusta, em Viamão.

No dia seguinte, retornou e se dispôs a ajudar Roberto, carregando caixas.

No sábado ele reapareceu bastante cedo e logo perguntou por Betinho. Perto do meio-dia, o movimento era grande. Ana Lúcia foi entregar um lanche na loja próxima, enquanto Roberto preparava cachorro-quente para a fila de clientes.

O homem estranho tinha Betinho em seu colo. Brincavam.

Entregue o pedido, Ana Lúcia retornou e viu apenas o marido. O menino e o homem haviam desaparecido. Só restou uma sacola branca de plástico.

Ela correu pelas ruas ao redor da praça e não encontrou ninguém.

Começou o desespero.



Na tarde daquele sábado, homens da polícia e da Brigada Militar iniciaram as investigações.

Também amigos e familiares se mobilizaram nas buscas, e o desaparecimento do menino comoveu Porto Alegre.

Foi feito um retrato falado do possível sequestrador e distribuída a única foto existente de Betinho. Ele com óculos escuros, a imagem pouco ajudava.

Com a filha de 11 meses no colo, Ana Lúcia percorria, desde o amanhecer, as ruas centrais da cidade.

E as pistas surgidas - pessoas que teriam visto o homem e o menino - levaram investigadores a vários bairros de Porto Alegre e de municípios da Região Metropolitana.

Eles também foram ao Litoral Norte, porque na bolsa de plástico deixada pelo homem havia uma carteira de identidade e um talão de cheques de um morador de Capão da Canoa.

O morador explicou: a carteira e os cheques haviam sido roubados.



Na sexta-feira, 19 de abril, o menino foi encontrado dormindo num banco da praça central da praia de Atlântida, a mais sofisticada do litoral gaúcho.

A filha do dono de um pequeno mercado próximo dali o acolheu. Ela imaginou que fosse filho de alguém do lugar e ficou à espera. Mas ninguém apareceu e surgiram as primeiras suspeitas: poderia ser o menino desaparecido de Porto Alegre.

Betinho atendeu quando disseram seu nome e, ao lhe ser mostrado um jornal com a foto de Ana Lúcia, ele logo exclamou:

- Mamã!

Naquela mesma noite, os pais chegaram ao Conselho Tutelar de Xangri-lá, levados por um carro da polícia.

Palmas, e depois um silêncio emocionado.

Ana Lúcia declarou, sobre o futuro:

- Tudo vai mudar na minha vida. Nada mais será como antes.



Passada uma década, a vida de Ana Lúcia, 40 anos, mudou. Teve outro filho e, mais tarde, separou-se do marido.

Continua na casa onde residia àquela época, no bairro Jardim Carvalho. E, além de se dedicar aos três filhos, trata de arrecadar roupas para reabrir o seu brechó, atingido por uma enxurrada há dois anos.

Betinho, ou Beto para os colegas de hoje, não lembra de nada e não faz questão de saber o que ocorreu.

Joga futebol com os amigos, anda de skate e frequenta curso de danças num CTG, junto com os irmãos Leticia e Ronaldo.

O inquérito policial foi encaminhado à Justiça sem indiciamentos e arquivado em julho de 2005.

Paulo Rogério Grillo, um dos três delegados que cuidaram do caso, resume:

- Não apareceu ninguém que indicasse uma pista segura.

Restaram perguntas: quem praticou o sequestro e com que objetivo? Como ele foi levado até o litoral? Onde ficou durante sete dias? Quem o alimentou? Por que foi libertado?



Acima, o reencontro de mãe e filho e, abaixo, a comemoração no Conselho Tutelar de Xangri-lá



O crime

Vítima:

Betinho

Época do crime:

Abril de 2002

Cidade:

Porto Alegre

Principal suspeito:

Um homem que se apresentou à família como pedreiro

Motivação:

Desconhecida